

Representações artísticas em vidros e cerâmicas romanas de Bracara Augusta

Rui MORAIS
UP/FLUP - CECH (UNIDADE I&D-CECH DA FCT)

Resumo

Neste estudo apresentam-se alguns exemplos de vidros e cerâmicas encontrados em Braga ou saídos das suas oficinas e dispersos no norte Peninsular. Estes exemplos podem ser incluídos no âmbito das representações artísticas, quer pelo seu significado simbólico, quer pelas informações que proporcionam.

Palavras-chave: representações artísticas; vidros; cerâmicas

Abstract

In this study we present some examples of glasses and ceramics found in Braga or produced in its workshops and then spread throughout the north of the Peninsula. These examples can be included within the scope of artist representations because they have a symbolic meaning and provide significant information.

Key-words: artist representations; glasses; ceramics

Introdução

Salvo raras exceções, as actividades artesanais relacionadas com a produção de vidro e cerâmica romanas não são incluídas no âmbito das produções artísticas. No entanto, algumas das peças em que se utilizavam estes suportes são dignas de destaque, quer pelo seu significado simbólico, quer pelas informações que proporcionam.

Os vidros

No contexto das importações de peças em vidro merece ser referido um exemplar encontrado em Braga, vindo da região da Renânia (Fig. 1). De Colónia provinham a maior parte destes vidros conhecidos como *diatreta*, um nome que vem do artista lapidador, o *diatretarius*, que os executava a partir de uma matriz de vidro, segundo um processo que exigia muita paciência e capacidade artística. Trata-se, de facto, de um vidro excepcional, de tal modo que a sua produção chegou a ser encorajada com a atribuição de um subsídio imperial.

Com menor valor artístico, mas de grande interesse documental, são dois fragmentos de vidro de produção local encontrados em Braga (Fig. 2 e 3). Correspondem a taças arqueadas de perfil em S, as segundas formas de produção local mais abundantes na cidade (Cruz 2001, 60). Este tipo de taças possui uma cronologia de produção/circulação, que se inicia nos finais do século III e se mantém em uso até ao século V. Na cidade estes vidros são abundantes no século IV, em particular entre as décadas de 40 a 80. No exemplar mais completo (fig. 3), recolhido nas Termas do Alto da Cividade, vê-se a representação de um templo octástilo que julgamos poder corresponder ao do *forum* da cidade.

Como nos dias de hoje, em particular em locais de santuários, é costume representar-se os edifícios de culto em copos ou outro tipo de suportes em vidro, tradição que remonta ao mundo romano, conhecendo-se uma série de vidros em cuja decoração se representavam os edifícios mais emblemáticos das cidades. Estes vidros são autênticas fontes documentais para o estudo da topografia daquelas urbes, como no caso dos conhecidos vidros produzidos em Putéolos nos séculos III e IV. Crê-se que peças deste género eram levadas como recordação pelos visitantes.

Se pensarmos que a imagem do templo representado nos vidros de Braga é a do *forum* da cidade, este seria, como referimos, octástilo e muito provavelmente díptero, como na sua grande maioria. A existência de outros templos que seguem os exemplos da capital demonstra que existiu uma vontade oficial na transmissão de novos estilos de modelos arquitectónicos. A comprová-lo temos a existência de oficinas itinerantes especializadas, vinculadas aos imperadores em, pelo menos, três momentos históricos distintos - principados de Augusto, Trajano e Adriano - como modo de propaganda imperial e de satisfação das exigências de auto-representação das elites urbanas (Márquez 2004, 109). É assim possível pensar-se que o templo de *Bracara Augusta* possa ter paralelos aproximados noutros templos octástilos, cuja inspiração parece assentar nos modelos dos templos dos *fora* de César e de Augusto, em Roma.

Na Hispânia conhecem-se alguns exemplos de templos com estas características: a capital provincial, Tarraco, parece ter possuído não um mas dois. Tal como em Braga, a sua descoberta foi inicialmente sugerida a partir de elementos da cultura material, neste caso moedas. Nestas vê-se dois tipos distintos de templos octástilos: um templo sobre *podium*, ao qual se acedia por meio de uma escadaria central e um outro que assentaria numa plataforma escalonada à moda helénica. Na opinião de Patrizio Pensabene, o exemplo de Tarraco foi seguido por muitas cidades na Península durante o reinado de Tibério, ou pouco depois deste (Pensabene 2004, 177-178). Mais tarde, durante o reinado de Trajano, foi construído um outro templo octástilo, desta vez períptero, elevado sobre um alto pódio, na *Colonia Aelia Augusta Italica*. Trata-se, até à data, do

único templo octástilo arqueologicamente documentado *in situ* na Península Ibérica.

De acordo com os modelos romanos de arquitectura, a construção de um templo estabelecia as bases para a implantação do *forum*. A única referência conhecida quanto à sua possível localização encontra-se numa planta da cidade de Braga publicada nos finais do século XVI (1594) atribuída ao gravador alemão Georgius Braun (mais conhecido, entre nós, por Braunio), (Fig. 4a). Segundo este autor, o *forum* poderia ter existido no lugar onde se erguia a antiga Igreja de S. Sebastião: “*S. Sebastiani aedicula ubi forum Romanorum fuisse creditur*” (Igreja de S. Sebastião onde se julga que existiu o *forum* romano), (Fig. 4b).

Apesar desta área ainda não ter sido escavada com o propósito de identificar antigas estruturas do *forum*, os vidros acima referidos e as grandes bases de colunas e capitéis dados como provenientes daquela área permitem, como referimos, supor a existência de um templo de enormes dimensões, com oito colunas de frente (Fig. 5). A maior parte das vezes, a frente dos templos estava orientada a sul ou a este. No caso de *Bracara Augusta* o templo deveria estar posicionado a este. Podemos ter uma imagem aproximada na proposta de reconstituição de César Figueiredo (Fig. 6 e 7).

Consideremos também um conhecido vidro cilíndrico encontrado em Clunia (Palol, 1991, 347-354, Pl. CLXXXIX), (Fig. 8). Segundo Mário da Cruz, basta observar cuidadosamente os motivos decorativos presentes neste vidro - como o friso de volutas junto ao bordo, os motivos vegetalistas (cacho de uvas e palmas), arquitectónicos (templo, arcarias e janelas), astrais (sol) e as letras representadas por um crísmo com um ómega - para reconhecer fortes afinidades com os exemplares produzidos na cidade romana de *Bracara Augusta* (Cruz 2009). Segundo este autor, a homogeneidade deste tipo de vidros, que a nível morfológico, como tecnológico e artístico, só se explica pelo facto de terem a mesma origem bracarense, supondo, sem excepção, que tenham sido produzidos nas mesmas oficinas e possivelmente pelo mesmo artesão.

Para o tema que nos interessa, deve atentar-se na decoração do vidro de Clunia onde se vê a presença do conjunto de onze arcos, sustentados por colunas com finos capitéis unidos por uma arcaria. Pensamos que esta representação corresponde a um dos pórticos da basílica, situada num dos lados curtos do *forum*, posicionado no lado oposto do grande templo octástilo, curiosamente aqui também representado; repare-se, em particular, no que parece ser a representação de janelas, integradas no espaço do intercolúnio das oito colunas da fachada do templo (Fig. 9). Esta disposição do *forum* obedece às conceções vitruvianas: uma praça rodeada por pórticos, estruturada de acordo com regras modelares de composição. Como elemento comparativo damos o exemplo da praça do *forum* de Volubilis, sítio arqueológico em Marrocos, onde ainda se conservam as arcadas do pórtico da basílica, datada dos finais do século II, inícios da centúria seguinte (Fig. 10a; 10b).

No caso de *Bracara Augusta*, a disposição da praça corresponde ao modelo mais popular adoptado a partir do período de Augusto, ou seja, um plano alongado cujo eixo central era dominado pela fachada principal do templo, que definia a axialidade, a simetria e a frontalidade de todo o espaço.

As cerâmicas

À semelhança dos vidros, poucas são as cerâmicas que merecem ser destacadas, quer pelo seu significado simbólico, quer artístico. Neste âmbito iremos referir-nos exclusivamente a peças fabricadas no contexto do *conventus bracaraugustanus*, dado que as importadas encontram paralelos noutras regiões do Império.

De entre as cerâmicas locais são interessantes as produções pintadas, em particular aquelas onde se representam motivos figurativos. É o caso de um fragmento encontrado em Braga, datado da segunda metade do século I, onde se vê a representação tosca de duas personagens: uma figura masculina, com toga, segura na mão esquerda uma folha de palma e na direita uma pátera; a figura feminina, representando uma bailarina, cinge uma túnica transparente, sob a qual são visíveis os seios (Fig. 11).

Mas, verdadeiramente excepcional, é o exemplar encontrado nas escavações da *uilla* romana de Toralla, em Vigo, que muito provavelmente provém das olarias romanas de *Bracara Augusta*. Trata-se de uma peça única, uma cratera ou *cantharus*, sem paralelos conhecidos, mas certamente imita peças em metal. Segundo Adolfo Fernández Fernández e Fermín Perez Losada (2011, 149-156), que lhe dedicaram um estudo exaustivo, esta peça estaria originalmente situada na entrada principal da casa, como elemento decorativo ou de prestígio (Fig. 12). De acordo com a reconstituição proposta por aqueles autores, a cratera ou *cantharus* estava decorada, em quase toda a superfície, com motivos geométricos, vegetais e figurativos, associados a motivos dionisíacos ou báquicos, nomeadamente a representação de centauros. Motivos afins estavam presentes em peças provenientes de um tesouro descoberto em Braga em 1750, onde apareceram dois centauros. Como salientámos (Morais 2002, 219-235), estes têm um papel predominante na evocação das cenas báquicas, pois, a par dos sátiros e das ménades, faziam parte do cortejo sagrado deste deus.

Por vezes, outras peças cerâmicas tinham um simbolismo profilático e estavam ligadas ao erotismo e situações provocatórias. Serve como exemplo um jarro depositado na fossa 31 da *domus* das Carvalheiras (Fig. 13a; 13b). Peças como esta encontrada em Braga, eram depositadas em fossas para defender as construções contra os malefícios de *Invidus*, divindade maléfica que atingia homens e animais. Para contrariar os “males de inveja” ou do “mau-olhado” tinham como remédio a protecção conferida por certas palavras e gestos e uma enorme série de figuras e objectos. Este vaso possui, na metade superior, da parede uma decoração realçada pela aplicação de um bico vertedoiro em forma de falo, encimado por uma pátera e ladeado pela representação de uma vulva; a face oposta da parede está ornamentada pela decoração, também aplicada, de dois falos *cum testiculis* dispostos transversalmente, mediados por uma única vulva.

A outra peça em cerâmica corresponde a um molde circular de padeiro com a representação, em positivo, de uma cena sagrada (Fig. 14). Na decoração vê-se um espaço doméstico, um *triclinium*, e no centro uma ornamentada mesa romana de três pés. Sobre o tampo da mesa repousam três objectos de baixela romana que identificamos, da esquerda para direita, como sendo um *simpulum* de pega vertical plana, um jarro e um copo. A ladear a mesa duas serpentes, afrontadas, erguidas uma de cada lado. Da serpente do lado esquerdo falta, por fractura, a quase totalidade do corpo, sendo apenas visível parte da cabeça posicionada de frente. A restante parte da zona ornamentada está preenchida com a representação de um *lectus*, vendo-se o

pregueado da coberta (numa interpretação mais arrojada poder-se-ia admitir que este pregueado representaria figuras humanas estilizadas e colunata). No canto superior direito do fragmento vê-se parte do que supomos ser o braço com a respectiva mão de uma figura que repousaria sobre o *lectus*.

Não é fácil tratar do significado e importância iconográfica deste molde. Efectivamente, na estrutura da composição, ainda que o estilo da decoração seja inspirado em modelos clássicos, não deixa de ser verdade que a representação, muito esquemática, diríamos mesmo “tosca”, não permite trilhar caminhos demasiado afirmativos. Limitamo-nos assim a sugerir uma análise dos motivos decorativos presentes como mero ensaio interpretativo. A representação da mesa com três objectos da baixela romana deverá ser interpretada como fazendo parte de uma actividade sacrificial e não uma cena de *symposium* ou banquete. Para esta hipótese contribui a restante decoração, em particular a presença das serpentes. A utilização da serpente no mundo romano tinha como função primordial a representação simbólica do “genius loci” e da imortalidade. No caso presente, a figuração das duas serpentes pode simbolizar, respectivamente, o génio do *paterfamilias* e o da *materfamilias* (Juno Lucina) que, confundidos com os espíritos dos antepassados, velam pela casa e pela descendência. A representação de serpentes associadas a este tipo de iconografia pode ser vista em diferentes e abundantes pinturas murais das cidades do Vesúvio, particularmente na cidade de Pompeia, em nichos ou pequenas capelas de frontão triangular, designadas por *lararium*, destinadas a albergar a imagem pintada ou estatueta do *lar familiaris*, ou mesmo, a partir de Augusto, o génio de Augusto (*Genius Augusti*). De acordo com os paralelos conhecidos no mundo romano para este tipo de representações, é possível que a figura que estaria reclinada no *lectus* fosse a do génio do *lar familiaris* ou mesmo do *Genius Augusti*. Este tema é normalmente representado por um jovem com uma coroa de louros na cabeça, dançando sobre um pé ou reclinado num *lectus*, vestindo uma túnica curta e possuindo como atributos o corno da abundância e uma phiale ou pátera. Damos, como exemplo, uma reconstituição em desenho de uma pintura mural encontrada em Pompeia, pertencente ao edifício conhecido por “Hospitium e Thermolium”. A ser considerada esta hipótese, o molde de Braga representava mais um testemunho de que os rituais celebrados em público eram também comemorados e conceptualizados através de imagens, inclusive na vida diária, funcionando como símbolos e idealizações de actividades ritualizadas.

Considerações finais

Servem os exemplos ilustrados para demonstrar que muitos dos objectos integrados na chamada “arte menor” são verdadeiras preciosidades para o conhecimento da História da Arte. Estes exemplos recolhidos nas escavações da cidade romana, ou com ela relacionados, são testemunho do muito que ainda está por fazer no âmbito da História da Arte Antiga, ou mesmo da História da Arte em todos os períodos da Humanidade.

Bibliografia

- CRUZ, M. (2001). *Vidros romanos de Bracara Augusta*. Braga (Tese de Mestrado policopiada).
- (2009). *O Vidro Romano no Noroeste Peninsular. Um olhar a partir de Bracara Augusta*. Braga. (Tese de Doutoramento policopiada).
- ELSNER, J. (1998). *Imperial Rome and Christian Triumph*. Oxford.
- FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ, A.; PÉREZ LOSADA, F. (2011) - “Una gran cratera tardorromana con decoración pintada aparecida en la villa de Toralla (Vigo, Galicia, España)” in *LRCW 3. Late Roman coarse wares, cooking wares and amphorae in the Mediterranean. Archaeology and Archaeometry. Comparison between western and eastern Mediterranean, Archaeopress (BAR International Series 2185-I)*, Oxford, 2010, p. 149-156.
- FREDOUILLE, J.-C. (1999). *Dictionnaire de la civilisation romaine*. Larousse. Paris, 70.
- FROHLICH, T. (1991). “Lararien-und Fassadenbilder in den Vesuvstadten. Untersuchungen zur, Volkstumlichen Pompejanischen Malerei”. *Mitteilungen des Deutschen Archaeologischen Instituts*. Verlag Philipp Von Zabern. Mainz.
- GRENIER, A. (1927). *El genio romano*. Barcelona.
- MÁRQUEZ, C. (2004). “Baeticae Templi. Simulacra Romae”. *Roma y las capitales provinciales del Occidente Europeo. Estudios Arqueológicos* (Reunión celebrada en Tarragona, 12-14 diciembre 2002). Tarragona, 109-127.
- MARTINS, M. (2005). “As termas romanas do Alto da Cividade”. *Bracara Augusta. Escavações Arqueológicas* (1). Braga.
- MORAIS, R. (2002). O tesouro romano em prata de *Bracara Augusta*. Conimbriga (XLI). Coimbra, 219-235.
- MORAIS, R. (2005). Autarcia e Comércio em *Bracara Augusta*, in *Bracara Augusta. Escavações Arqueológicas*. Braga.
- (2010). *Bracara Augusta*. Braga.
- PALOL, P. (1991). “Un vidrio tallado, com temas cristianos”, de Clunia, Clunia 0. *Studia Varia Cluniensis* (ed. Pedro de Palol et alii). Burgos, 347-354.
- PENSABENE, P. (2004). “Roma e le capital provinciali. Contributi per lo studio dell’architettura e della decorazione architettonica in marmo nella Hispania romana”. *Simulacra Romae. Roma y las capitales provinciales del Occidente Europeo. Estudios Arqueológicos* (Reunión celebrada en Tarragona, 12-14 diciembre 2002). Tarragona, 175-199.
- RONCHETTI, V. G. (1922). *Dizionario illustrato dei simboli*. Hoepli. Milão, 895.

Fig. 1 - Diatreta importado da região da Renânia



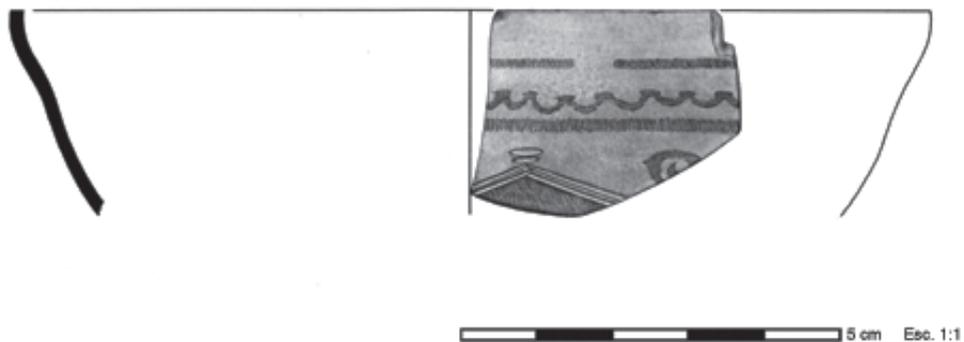


Fig. 2 - Fragmento de taça arqueada em vidro de produção local com a representação de um templo.

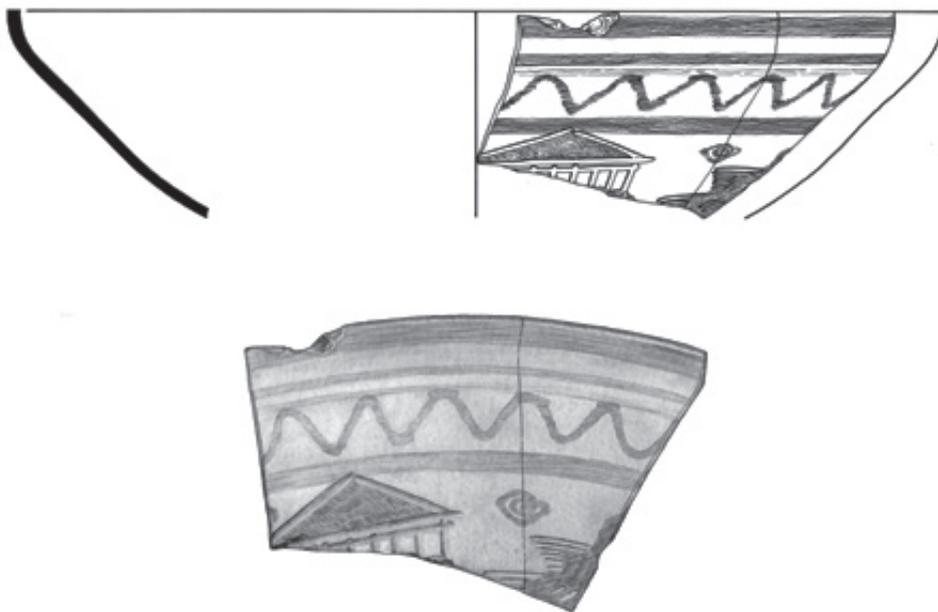


Fig. 3 - Fragmento de taça arqueada em vidro de produção local com a representação de um templo octástilo.

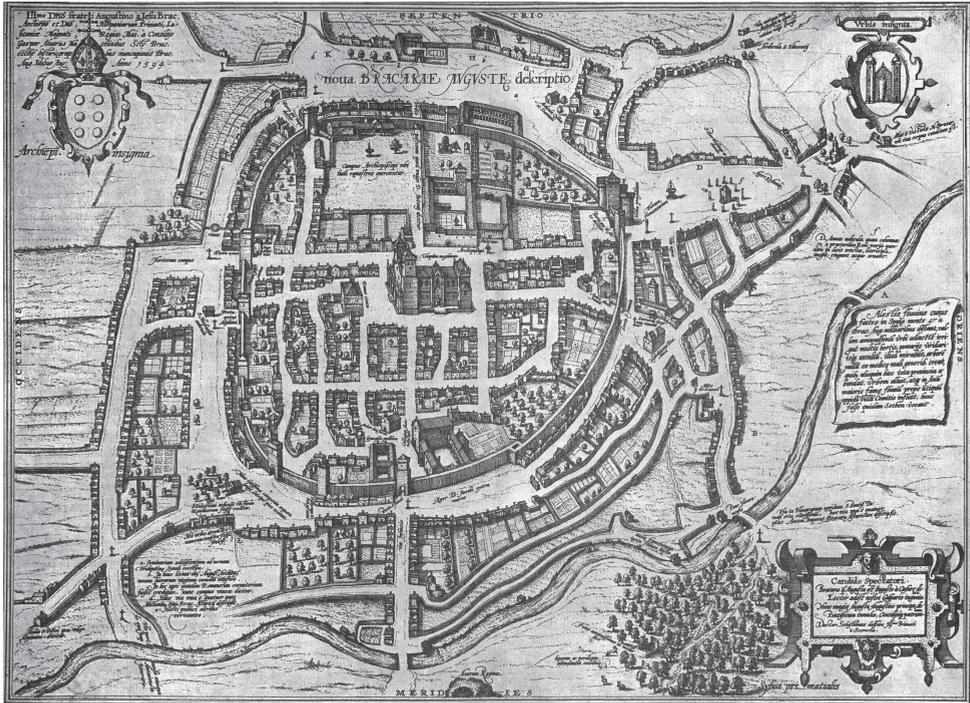


Fig. 4a - Planta da cidade de Braga atribuída a Georgius Braun (1594).

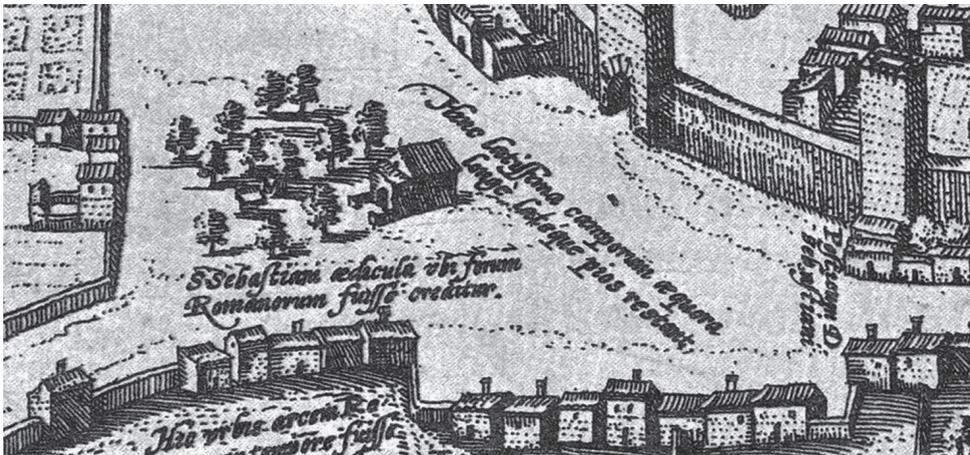


Fig. 4b - Pormenor que indica a possível localização do fórum romano.

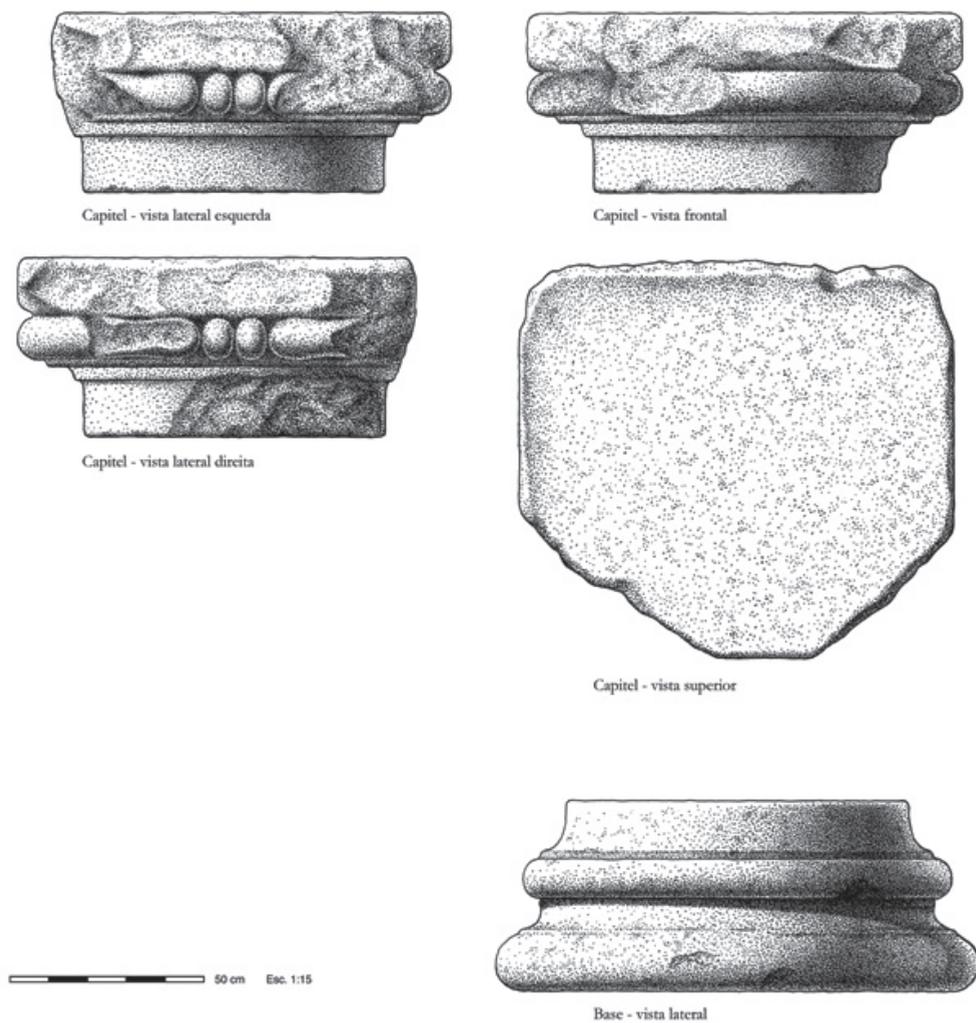


Fig. 5. - Desenho de capitel de tipo iónico e base ática proveniente do Largo Paulo Orósio.



Fig. 6 - Proposta de reconstituição do templo octástilo de Bracara Augusta.
Alçado principal (César Figueiredo). Escala 1.100.

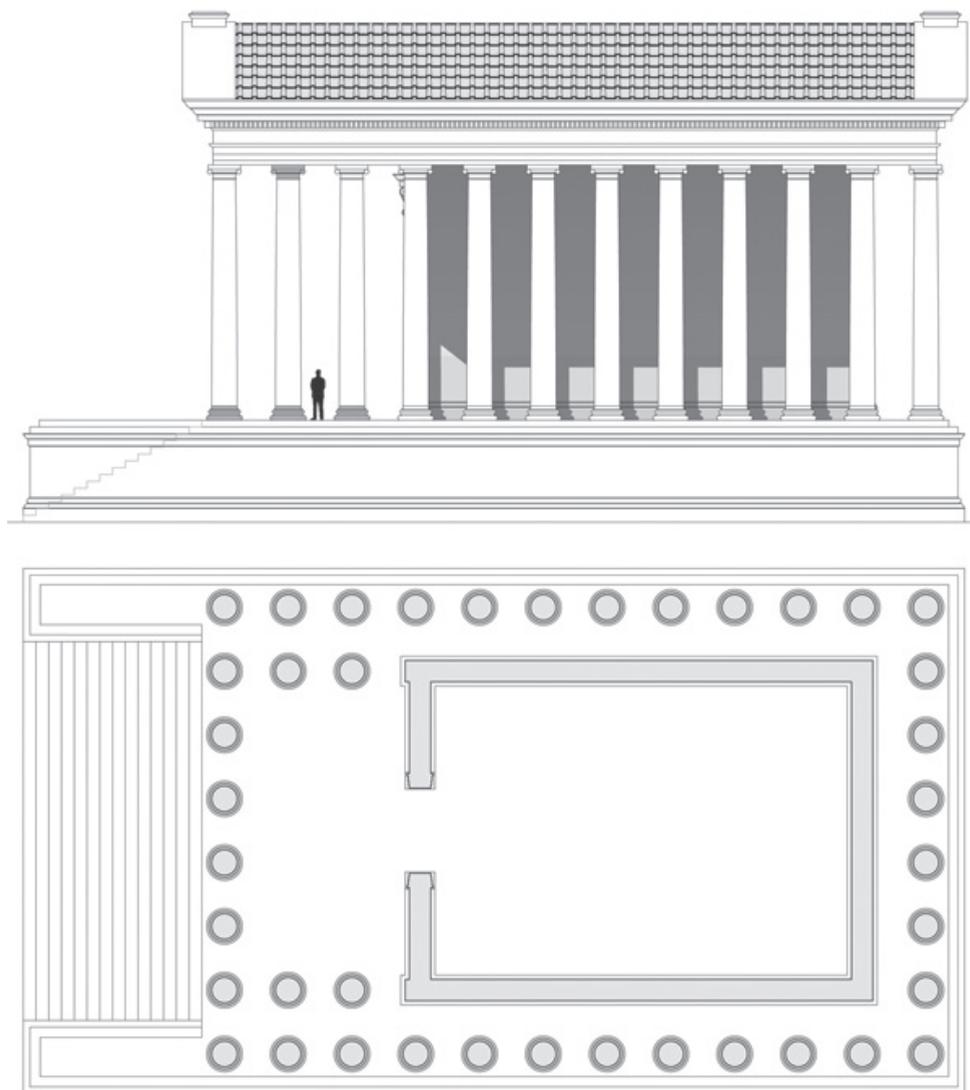


Fig. 7 - Proposta de reconstituição do alçado lateral direito e planta (César Figueiredo).
Escala 1 : 200



Fig. 8 - Vaso cilíndrico de Clunia de fabrico bracarense com arcaria e templo octástilo.



Fig. 9 - Representação esquemática das arcarias e do templo octástilo do vidro de Clunia.



Fig. 10a - Fotografia do pórtico da Basílica da cidade romana de Volubilis (Marrocos).



Fig. 10b - Fotografia lateral do pórtico da Basílica romana de Volubilis (Marrocos).

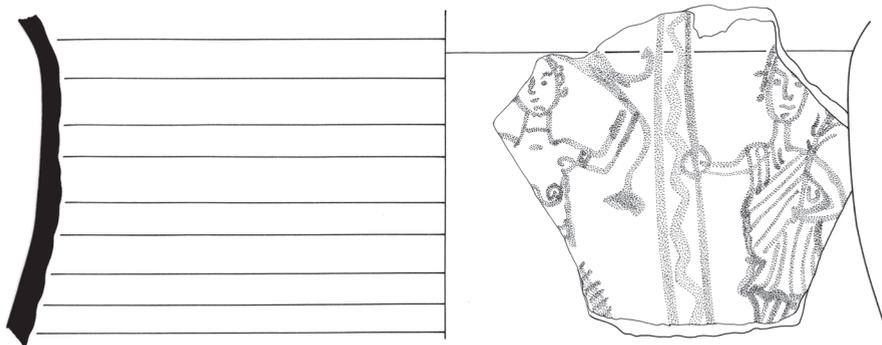


Fig. 11 - Fragmento de pote pintado de produção local com a representação tosca de duas personagens.
Escala 1.2.

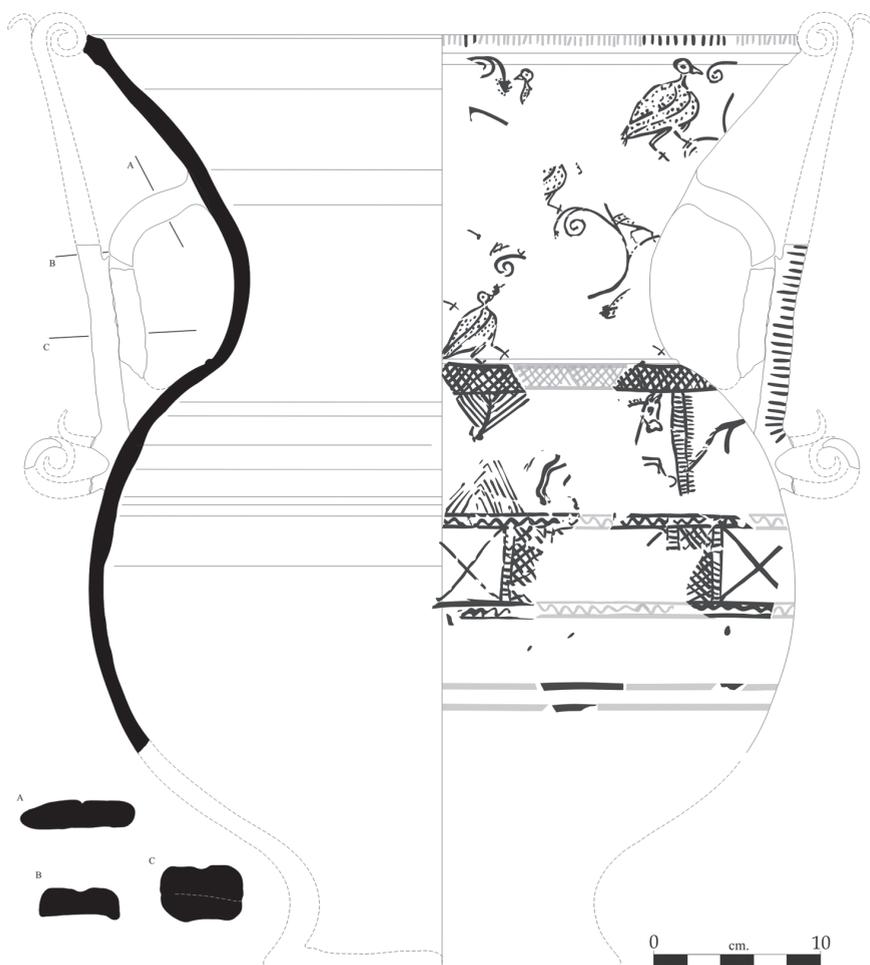


Fig. 12 - Cratera de fabrico bracarense encontrada na villa romana de Toralla (Vigo).

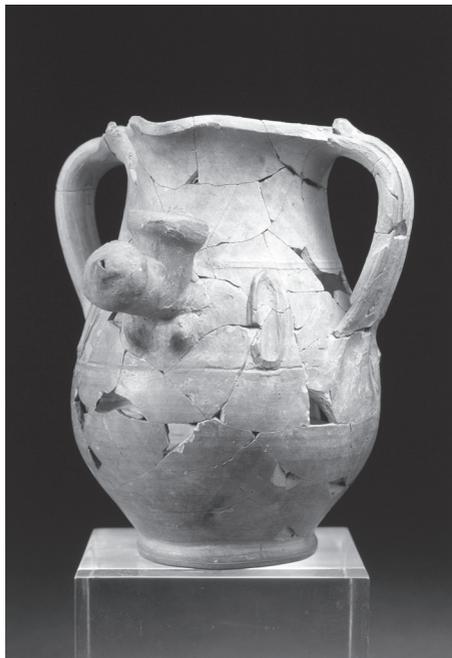


Fig. 13a - Fotografia de vaso fálco.

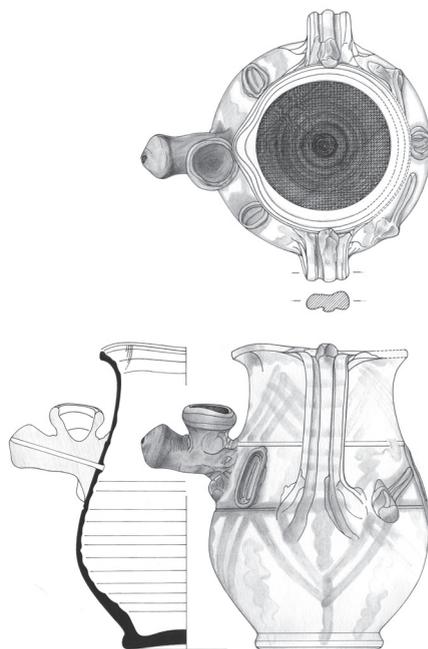


Fig. 13b - Desenho de vaso fálco. Escala 1.4.



Fig. 14 - Molde de padeiro. Reconstituição hipotética da decoração. Escala 1.4.